

MEMÓRIAS DE UMA MULHER DE ELITE: as relações de gênero na correspondência de Celsina Teixeira - Caetité 1926-1950

Adriana Moreira Pimentel¹

Resumo

Pretende-se analisar através da categoria gênero, as memórias de uma mulher da elite na cidade de Caetité: Celsina Teixeira Gomes Ladeia². Por meio da análise documental de vasta correspondência pessoal da primeira metade do século XX³, pode-se inferir que as atuações de Celsina aparecem como integradas ao conjunto de memórias e ações de uma mulher de elite no ambiente familiar e público. Sua trajetória é exemplar e está em consonância com a atuação de outras senhoras da época.

Palavras-chave Memória – mulheres – gênero.

De uma história das mulheres para uma análise de gênero

Atualmente torna-se inadequado falar em uma história da mulher, abordam-se histórias das mulheres, pois suas várias diferenças definem essa trajetória, responsável, então, por sua condição de objeto e sujeito da história⁴. Essa reviravolta historiográfica, característica das últimas décadas no campo da história, diversificou os objetos de investigação, abriu novos espaços para a emergência de temas não pensados, novas formas de construção das relações sociais não imaginadas no universo masculino⁵ e contribuiu para o desenvolvimento de estudos sobre as mulheres:

A historiografia das últimas décadas favorece uma história social das mulheres, pois vem se voltando para a memória de grupos marginalizados do poder. Novas abordagens e métodos adequados que libertam aos poucos os historiadores de preconceitos atávicos e abrem espaço para uma história microsocial do cotidiano (...) diversificam os focos de atenção dos historiadores, antes restritos ao processo de acumulação de riqueza, do poder e a história política institucional. (DIAS, 1995: 14) ⁶.

A história das mulheres se definiu como campo de estudo especialmente nas duas últimas décadas, mas sem dúvida é hoje uma prática que se estabeleceu em várias partes do mundo. As ativistas feministas reivindicaram, nos fins dos anos 60, uma história de mulheres heroínas, enquanto as feministas acadêmicas direcionaram sua erudição para

uma atividade política mais ampla⁷. Esse novo campo de investigação revelou especificidades que vão de encontro à ideia de sujeito universal, apresentado pelas metanarrativas típicas da história tradicional.

A partir de 1970, historiadores, universidades e grupos de pesquisa iniciaram reflexões e muito se debateu a respeito da passividade da mulher frente à sua opressão/reação perante as contenções de uma sociedade patriarcal. O tema afastou-se mais da política e ampliou os questionamentos para envolver todos os aspectos da vida das mulheres do passado. Uma maior produção historiográfica surgiu a partir dos anos 80, com o desafio do “silêncio” das fontes. A mulher estava o tempo todo presente, embora tivesse sua participação sufocada pelo discurso masculino, que confinou-lhes ao espaço privado onde elas estiveram, por longo tempo, afastadas das atividades públicas consideradas dignas de serem registradas, como a política e a economia.

Nos anos 90 percebeu-se que só a história das mulheres não conseguiu analisar todos os processos sociais historicamente construídos pelas experiências femininas nas diversas sociedades nas quais estão inseridas. Nesse sentido, o conceito de gênero passou a ser usado como categoria analítica mais adequada porque enfocava relações sociais vivenciadas entre mulheres e homens. O termo gênero amplia o foco da história da mulher considerando as categorias: feminina e masculina.

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas nas múltiplas interações que provocam a mudança. Partiu de uma história das mulheres para tornar-se mais especificamente uma história de gênero, que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade. Alargou suas perspectivas espaciais, religiosas, culturais. (PERROT, 2007: 15-16) ⁸.

Estudos de memória na análise da correspondência de Celsina Teixeira

Segundo Isnara Ivo⁹, os trabalhos pautados na memória também têm ocupado lugar de

destaque na produção historiográfica mais recente, o que vem atender às novas perspectivas de abordagem teórico-metodológica desse passado.

A princípio, a memória aparece nos estudos filosóficos como um fenômeno individual, intrínseco da pessoa, como pensou Bergson¹⁰. Todavia, para o sociólogo Halbwachs¹¹, as memórias de um indivíduo não são somente suas, pois estão ligadas afetivamente ao grupo social o qual pertença. É o grupo e não o indivíduo que garante a permanência do passado no presente. *Os indivíduos desaparecem, mas não desaparece a possibilidade de reconstrução da memória, pois ela tem o grupo como suporte*¹².

A maneira como percebemos e sentimos o mundo está intimamente ligada ao conjunto de experiências que nos cerca. As lembranças, constituídas no seio das relações sociais, são mantidas nos diversos espaços de referência: família, trabalho, lazer, religiosidade. A memória acaba quando se rompem esses laços afetivos. Então, entra em cena a história, a necessidade do registro como *operação intelectual*, permitindo a problematização e a reflexão sobre essas memórias¹³.

Alguns estudos possibilitam novas reflexões sobre a relação entre memória e história¹⁴. Para Nora, a memória tornou-se objeto de estudo da História. A memória já não existe, restam apenas os *lugares de memória*. *Há locais de memória porque não há mais meios de memória*¹⁵. O processo de aceleração da história e a ameaça do esquecimento afastaram o cotidiano das vivências da tradição e do costume, a memória não é mais encontrada no meio social e por isso, precisa de lugares especiais para ser preservada. Os *lugares de memória* são responsáveis pela manutenção das lembranças desse passado e se empenham em guardar as marcas.

Le Goff também considera o estudo da memória (social) como elemento fundamental para a compreensão da identidade de um grupo e para abordar os problemas do tempo e da história, aos quais ela (memória) se apresenta de forma retraída ou evidente. Segundo este autor:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2003: 423)¹⁶.

No mundo ocidental, sobretudo a partir do século XIX, a escrita epistolar, mencionada por Certeau¹⁷ como “*prática mítica moderna*”, tornou-se bastante intensa e significativa:

A prática escriturística assumiu valor mítico nos últimos quatro séculos reorganizando aos poucos todos os domínios por onde se estendia a ambição ocidental de fazer uma história e, assim fazer história. [...] No Ocidente moderno, não há mais discurso recebido que desempenhe esse papel [de articular simbolicamente as práticas heterogêneas da sociedade], mas um movimento que é uma prática: escrever. A origem não é mais aquilo que se narra, mas a atividade multiforme e murmurante de produtos do texto e de produzir a sociedade como texto. (CERTEAU, 1994: 224).

Assim, escrevendo cartas e inscrevendo sua história por meio delas, mulheres como Celsina Teixeira podiam discutir os mais variados assuntos: cultura, educação, saúde, moda, negócios, política, religião, viagens, família e problemas regionais (oscilações do clima - migração do sertanejo - crise agropecuária) que assolavam a cidade de Caetité na época. Nesse sentido, essa correspondência tornou-se como um lugar de memória, responsável pela manutenção de lembranças desse passado, como podemos observar no trecho da carta de sua irmã Hersília:

Tem chovido continuamente as noites e os dias, o tempo não convida para sahir, só tendo necessidade. O inverno está rigoroso imagino ahi. Digo a Sofia que senti saber que as filhas de Maria tem deixado de cantar o oficio de Nossa Senhora nos sabados, se todas soubessem as graças que se alcança da nossa Mãe do Céu com esta devoção, não deixariam de rezar o oficio sem justa razão... Pela leitura dos jornaes, já se deve saber que naufragou o vapor ‘Bahia’, desaparecendo umas 200 pessoas... Soube hoje por Vanvan que Zelinda foi para o Hospital, devido um tumor em consecuencia das injeções. Faz receio os tratamentos, Ana Brito filha de Deraldo levou muitos mezes aqui em tratamento, afinal com as injeções de tartaro para systosoma, sahiram muitos furunculos pelo corpo consecuencia do tratamento... Na segunda – feira, 23, Jayme viajou para o Rio, já habituaram viajar de avião, perderam o receio¹⁸.

Desde uma origem que se perde na antiguidade, as cartas mantêm vínculos à distância e se movem entre presença e ausência. Escrever cartas exige tempo, reflexão e disciplina,

pois através da escrita podem-se compartilhar experiências íntimas e coletivas. A escrita epistolar transforma a ausência em presença e o passado em presente, evita o esquecimento, cria e reforça elos de amizades, enfim, a troca de missivas estabelece verdadeiros “*laços de papel*”¹⁹. Na historiografia as cartas ocupam status de documento e como qualquer fonte histórica, precisam ser reconstruídas e discutidas no tempo e no espaço social em que foram produzidas, pois seus dizeres mais simples, os detalhes mais discretos tornam-se indícios a serem interpretados²⁰ e analisados cuidadosamente²¹.

Através das cartas as mulheres registraram memórias de um tempo, compartilharam confidências, estreitaram amizades e resguardaram segredos (ou não?). Nessa escrita, elas deixam escapar as miudezas do cotidiano, a experiência familiar e, sobretudo, a vivência em sociedade para além dos aspectos estritamente normativos. Sejam como reconstruções de vida simbolicamente expostas, sejam elas de caráter mais pessoal, escritas com certo distanciamento, esses depoimentos femininos se constituem em fonte privilegiada de lembranças, em que a experiência e o mundo são vistos e contados pelas próprias mulheres²².

Oscar não tem tocado connosco sobre a venda das fazendas do S.Francisco... Se todos os Irmãos fossem da nossa opinião não se vendia este patrimonio da familia, que Papae não vendeu e Mamãe nunca quiz que vendesse. Bastava isto para Oscar não ter tanta pressa em vender. Não acha? – A apuração das eleições considera perdida a candidatura do Brigadeiro. O Dutra com mais 940 e tantos votos... Veja se consegue por intermedio do Pe. Oswaldo Deoclecianinho entrar nos Marianos d’ahi,... Ele está sem nenhuma formação religiosa e na idade d’ele é muito necessaria. Só cinema não dá boa formação...²³

Lembrar é, ao mesmo tempo, ativar a memória para recapturar o passado e selecionar eventos vividos. Todavia, esses fatos reconstituídos pela memória individual não revelam apenas o que o narrador permite que seja revelado através de um *exercício pessoal praticado por si e para si*²⁴.

O ato pessoal de pensar o passado – de contar uma vida – está

enganchado na trama coletiva da existência social. E a memória pessoal transforma-se em fonte histórica justamente porque o indivíduo está impregnado de elementos que ultrapassam os limites de próprio corpo e que dizem respeito aos conteúdos comuns dos grupos a qual pertence ou pertenceu. (MALUF, 1995: 83).

Assim sendo, a lembrança está indissociavelmente ligada à vida social, logo, o que a memória restaura, diz respeito às situações, relações e experiências do narrador na vida em sociedade. É na experiência que as pessoas são produzidas, que elas ganham funções específicas ou, ainda, que o fator biológico das diferenças sexuais, por exemplo, ganha significado. Dessa forma, analisar a memória de mulheres de elite através da correspondência de Celsina Teixeira significa *esgarçar dicotomias como feminino e masculino, esfera pública e privada, funções produtivas e reprodutivas*²⁵ conforme observamos no trecho a seguir:

Sabemos que a Bahia está em revolução política, como ainda não recebi notícia dahi a respeito, penso ser algum boato que está correndo. Dizem que estão em oposição – Calmon e Mangabeira – Que grupos de jagunços estão atacando Joazeiro e outros lugares. Peço a Deus que esta notícia não seja verdadeira, pois, muito receio pelo nosso Caetité, onde Papae está a frente da política²⁶

Para a historiadora M^a Odila Dias²⁷, é também muito importante questionar a existência dessas fronteiras materiais e simbólicas que separam o “dentro” e o “fora”, ou seja, entre o *espaço público da produção e do agir político e o espaço privado e doméstico* no qual os valores e papéis femininos foram historicamente enclausurados. Analisar uma realidade somente através de esferas separadas pode representar o confinamento da mulher ao espaço do lar.

Busca-se, então, trazer à tona as táticas²⁸ de movimentação desenvolvida por elas no meio social para além dos padrões normativos instituídos pela sociedade e pela família. Na contramão da normatividade estão as improvisações impostas pelo devir cotidiano. Não raro as mulheres assumiam o mando da casa, gerenciando negócios e propriedades. A história das mulheres das classes dominantes, por exemplo, está longe de ser uma história de clausura e passividade.

...é grande o risco de encerrar uma vez mais as mulheres na

imobilidade dos usos e costumes, estruturando o cotidiano na fatalidade dos papéis e na fixidez dos espaços... No entanto, o que importa reencontrar são as mulheres em ação, inovando em suas práticas, mulheres dotadas de vida, e não absolutamente como autômatas, mas criando elas mesmo o movimento da história. (PERROT, 1988: 187)²⁹.

No início do século XX, por exemplo, mulheres instruídas surgem como personagens importantes na liderança de movimentos sociais e entidades filantrópicas. Em Caetité, Celsina se apresentou como idealizadora e presidente da Associação de Senhoras de Caridade, como observamos na carta:

Urge actualmente um bom auxilio para que a nossa Associação consiga realizar o seu fim que é a fundação de 'Santa Casa de Caridade'. Ha muitos annos que venho dirigindo esta Associação, que graças a Deus, vae cumprindo a sua finalidade em auxiliar aos pobres, enfermos e desvalidos. (...) Graças a Deus a boa vontade das almas generosas, os recursos tem nos vindo, para ir satisfazendo as despezas. Todos os annos tenho mandado publicar na 'Penna' o balancete do anno; e a lista das pessoas que tem nos mandado donativos. Por enquanto nosso maior bemfeitor tem sido o Dr. Constantino Fraga, que por tres vezes já nos mandou Cr 15:000\$000.(...) Caiteté, 1º /4/1929.³⁰

Considerações finais

A sociedade patriarcal definiu o privado como esfera feminina, mas as mulheres transformaram os assuntos privados em debates públicos. Com suas táticas de atuação elas subverteram as normas e se emergiram também como protagonistas da história. Cabe agora ao historiador perceber essas atuações e relativizar conceitos cristalizados, trazendo à tona poderes minuciosamente construídos e registrados a partir do espaço doméstico e para além dele. A trajetória de Celsina está integrada a este conjunto de atividades nas mais diversas esferas sociais inseridas no campo das relações de gênero nos âmbitos familiar e público.

Notas

¹ Adriana Moreira Pimentel é graduada em História pela UNEB, 2008 e especialista em História: Política, Cultura e Sociedade pela UESB, 2012. Atualmente, mestranda do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade pela mesma Universidade.

² Filha do coronel e fazendeiro Dr. Deocleciano Pires Teixeira e de Anna Spínola Teixeira. Celsina nasceu em Caetité-BA, no dia 10 de Outubro de 1887 e faleceu na mesma cidade, em 1979. Casou-se em 1909, com o farmacêutico, proprietário de terras e gado José Antônio Gomes Ladeia (conhecido como Juca). Deste casamento, realizado sob regime de comunhão de bens, nasceu um filho único, Edvaldo Teixeira Ladeia.

³ Essa documentação encontra-se no Arquivo Público Municipal de Caetité, APMC.

⁴ SOIHET, Raquel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios e metodologia*. 1997.

⁵ RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. In: *Cadernos Pagu. Trajetórias do gênero*. 1998.

⁶ DIAS, M^a Odila L. da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. 1995.

⁷ SCOTT, Joan. História das Mulheres. In BURKE. Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. 1992.

⁸ PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. 2007. pp.15-16.

⁹ IVO, Isnara P. Tempo, Memória e História. In: *Memória Conquistense*, 2002: p.7.

¹⁰ Em *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*, 1999 Henri Bergson apresenta uma teoria singular sobre a memória.

¹¹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*, 1990. Foi ele quem primeiro retirou a memória da esfera meramente individual e cunhou o termo “*memória coletiva*”. Seu pensamento exerceu forte influência sobre os estudos dos historiadores.

¹² D’ALÉSSIO, Márcia Mansor. Memória: leitura de M. Halbwachs e P. Nora. In: *Revista Brasileira de História*. 1992-93: p. 100.

¹³ FÉLIX, Loiva O. *História e Memória: a problemática da pesquisa*, 1998

¹⁴ Estudos dos historiadores franceses Pierre Nora e Jacques Le Goff.

¹⁵ NORA, P. Entre a História e a Memória: a problemática dos lugares. *Projeto História*. Nº 10, 1993:

¹⁶ LE GOFF. *História e Memória*, 2003. p. 423.

¹⁷ CERTEAU. Michel d. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. 1994.

¹⁸ HERSÍLIA (Tilinha). *Carta para Celsina* (Sissinha). Bahia, 16 de Julho de 1945. APMC, Acervo Particular Família Deocleciano Pires Teixeira, Grupo: Celsina Teixeira, Série: Correspondências pessoais, Data-limite: 1901-1953. Caixa: 01.

¹⁹ BASTOS, M^a Helena; CUNHA, M^a Teresa & MIGNOT, Ana Chrystina. Laços de papel. In: *Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar*. 2000: pp. 5-9.

²⁰ DAUPHI, Cécile & POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares do século XIX. In: *Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar*. pp.75-87.

²¹ CELLARD, André. A análise documental. In: *A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2005.

²² Ver o texto: Nos retalhos, a memória da mulher. In: MALUF, M. *Ruídos da Memória*. 1995: p. 80.

²³ HERSÍLIA (Tilinha). *Carta para Celsina* (Sissinha). Bahia, 23 de Dezembro de 1945. APMC, Acervo Particular Família Deocleciano Pires Teixeira, Grupo: Celsina Teixeira, Série: Correspondências pessoais, Data-limite: 1901-1953. Caixa: 01.

²⁴ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 1992: p. 141.

²⁵ Ver o texto: Esferas separadas: que mito é esse? In: MALUF, M. *Ruídos da Memória*. 1995: p.202.

²⁶ HERSÍLIA (Maria de N.S. da Purificação Spínola Teixeira). *Carta para Celsina* (Sissinha). São Paulo, 24 de Setembro de 1928. APMC, Acervo Particular Família Deocleciano Pires Teixeira, Grupo: Celsina Teixeira, Série: Correspondências pessoais, Data-limite: 1901-1953. Caixa: 01. Essa correspondência foi enviada do Mosteiro de Nossa Senhora de Caridade do Bom Pastor – Asylo Bom Pastor – Ypiranga.

²⁷ Ver o texto: Mito da Dona Ausente. In: DIAS, M^a Odila L. da S. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*, 1995: pp. 90-111.

²⁸ Neste estudo utiliza-se o conceito de tática segundo a perspectiva de Michel de Certeau. De acordo com este autor, tática é “um cálculo que não pode contar com um próprio, nem por isso, como uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegura uma independência em face das circunstâncias.

²⁹ PERROT, M. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. 1988.

³⁰ CELSINA. *Carta para o Conselheiro Bráulio Xavier*. Caetitê, 1º de Abril de 1929. APMC, Acervo Particular Família Deocleciano Pires Teixeira, Grupo: Celsina Teixeira Ladeia, Série: Correspondências, caixa 01, maço 1.

Referências

BASTOS, M^a Helena C.; CUNHA, M^a Teresa S. & MIGNOT, Ana Chrystina V. (Orgs.). *Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.

BERGSON, H. *História e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*, 1999.

CELLARD, André. A análise documental. In: *A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes do fazer*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

DAUPHI, Cécile & POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares do século XIX. In: *Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.

DIAS, M^a Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. 2 ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FÉLIX, Loiva O. *História e Memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediuf, 1998.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. António Fernandes Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega/Passagens, 1992.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

IVO, Isnara Pereira. Tempo, memória e história. In: *Memória Conquistense*. V.6. Vitória da Conquista: Uesb, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão [et al]. 5 ed. Campinas, Unicamp, 2003.

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

NORA, Pierre. *Entre a História e a Memória: a problemática dos lugares*. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Minha História das Mulheres*. (Trad. Ângela M. S. Corrêa). São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. In: *Cadernos Pagu. Trajetórias do gênero*. 1998.

RIBEIRO, Marcos Profeta. *Mulheres e Poder no Alto Sertão da Bahia: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901-1927)*. PUC, 2009.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SOIHET, Raquel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.